



“PERTENCER É ALGO DE DUAS VIAS”: MIGRAÇÃO AFEGÃ E EXISTÊNCIA NO ENTRE

“BELONGING GOES TWO WAYS”: AFGHAN MIGRATION AND EXISTENCE IN THE IN-BETWEEN

DOI 10.55028/geop.v20i39

Eleni Furtado Ververidis*
Jimena de Garay Hernández**

Resumo: Partindo da cartografia, e considerando a conjuntura sociopolítica migratória global, buscamos compreender os atravessamentos do fluxo migratório do Afeganistão para o Brasil, através de entrevistas, compreendidas aqui como encontros interculturais. Analisando o sentimento de pertencimento, esses encontros evidenciaram a potência do inter, da relação, do entre, do que se produz no cruzamento de culturas e fronteiras. Discutimos aqui como a subjetivação migrante, com os diversos marcadores sociais, discriminantes e nacionalistas, leva a ocupar um lugar fronteiro, que abarca e mescla linhas de múltiplos territórios existenciais; ao mesmo tempo que carrega pesos e complexidades, também produz quebra de paradigmas cristalizados.

Palavras-chave: interculturalidade, Afeganistão, subjetivação.

Abstract: Based on cartography and considering the global sociopolitical migratory conjuncture, we seek to understand the crossings involved in the migratory flow from Afghanistan to Brazil, through interviews, understood here as intercultural encounters. By analyzing the feeling of belonging, these encounters revealed the power of the inter, of the relation, of the in-between, of what is produced when cultures and borders are

Introdução

Este artigo nasce a partir de pesquisa de mestrado da autora do mesmo, orientada pela co-autora, onde se incluem também os atravessamentos de nós como sujeitas. Somos duas mulheres que migraram para o Brasil entre 2012 e 2013 e que passaram a se compreender como migrantes a partir dos estudos migratórios e a inserção no campo da migração. Mas a migração já nos atravessava, de diversas formas.

Na pesquisa, cujo título é “De onde você é? Cartografando encontros interculturais de migrantes do Afeganistão no Rio de Janeiro”, nosso objetivo foi compreender e analisar como se dá o sentimento de pertencimento inserido na cultura global, em especial em processos migratórios, e o que atra-

* Mestre em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5855-9267>, e-mail: elenifurver@gmail.com.

** Doutora em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora associada no Instituto de Psicologia da UERJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0564-1056>, e-mail: jime.degaray@gmail.com.

crossed. We discuss how migrant subjectivation, with the various social markers, discriminatory and nationalists, leads to occupying a borderland place, which embraces and blends lines from more than one existential territory; this, while this position carries weights and complexities, it also generates ruptures in crystallized paradigms.

Keywords: interculturality, Afghanistan, subjectivation.

vessa o processo de chegada de famílias afegãs no Brasil.

Com o retorno do Talibã, movimento político militarizado, um grupo autoritário, fundamentalista e violento, considerado terrorista, que está longe de representar a totalidade do povo afegão, bem como a saída das tropas estadunidenses do Afeganistão, em agosto de 2021, foi gerada uma crise humanitária no país. Essa grande mudança social na conjuntura atual do Afeganistão e as consequentes ameaças de vida, estão forçando inúmeros afegãos e afegãs a migrarem e/ou se refugiarem, tanto fora quanto dentro do país (Cíceris; Moraes; Vitola, 2022). Mais de cinco milhões de pessoas precisaram migrar para países vizinhos. No Brasil, chegaram mais de 10.000 (OIM, 2024; ACNUR, 2024).

Este conflito se insere em uma conjuntura sociopolítica global de agressivo capitalismo e aumento da islamofobia, o que complexifica os processos de resistência aos regimes totalitários. Diante desse cenário, queríamos saber, com essas pessoas migrantes: Como foi a saída de lá e a chegada aqui? Por que o Brasil? Como é o processo do encontro com a nova realidade, a nova cultura - brasileira, carioca? O que pensaram ao chegar aqui? Como perceberam a situação e onde colocam o sentimento de pertencimento?

Para compreender isto melhor, realizamos entrevistas semiabertas e coletivas com famílias afegãs morando

no Rio de Janeiro. Entrevistas essas que foram para muito além não apenas de uma ferramenta isolada e esterilizada da sociedade, como muitas vezes esperado pelo positivismo científico, mas também do que buscávamos saber através das perguntas.

Ao nos encontrarmos com as famílias e refletirmos sobre migração, refúgio, sentimento de pertencimento, similaridades e diferenças entre o país de origem com o de chegada, faltas, expectativas e esperanças, a interculturalidade se fez muito presente e ampliou as análises em demasia. E é dela que queremos falar aqui. Como que a interculturalidade se imprime na subjetivação? Como ela produz conhecimento?

Percurso Metodológico

Foram realizadas entrevistas com três famílias afegãs, nas casas das mesmas. Duas delas no final do ano de 2023, em dezembro, e uma em janeiro de 2024. O acesso a elas se deu a partir de rede profissional de contatos¹. Essas entrevistas foram entendidas por esta pesquisa como uma aposta na potência do encontro entre a pesquisadora e os demais participantes da pesquisa. Aziz, sua esposa, sua mãe e seus filhos, são uma família cristã de Cabul, não souberam se identificar racialmente e estavam no Rio de Janeiro há 06 meses, morando em Belford Roxo, na Baixada Fluminense. Ahmad, sua esposa, seu pai e a esposa do pai, também de Cabul, são uma família inter-religiosa (cristã e muçulmana), se reconhecem como “Wheat/Gandoni (cor de trigo)”, e moravam há 20 dias em Nova Iguaçu, também na Baixada Fluminense. Tinham vindo de São Paulo, onde também estavam há cerca de duas semanas. Shaqaiq (com o pai, a mãe e três irmãos), muçulmanos e auto-identificados como brancos, também de Cabul, moravam há 06 meses em Realengo, na capital fluminense.

Neste processo, a maioria dos nomes que aparecerão aqui são todos os originais, por opção dos/as próprios/as participantes das entrevistas. Esta escolha seguiu seus desejos. Procurando não impor o anonimato, perguntamos como desejavam ser mencionados, abrindo espaço para uma escolha de “afirmação da própria autoria” (Ferreira, 2014, p.120). Esta escolha de escrita, a do anonimato, foi optada somente por Ahmad, que foi quem escolheu este nome fictício. As demais famílias preferiram deixar a participação deles/as com seus nomes reais.

A entrevista é uma interação relacional, que tem um contexto e produz sentidos. Alguns se repetem e outros são únicos ou inesperados. São expressos “por

¹ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

meio da fala, gestos, emoções e reações” (Ferreira; Santos, 2024, p.274). Essa expressividade vai também conduzindo a entrevista.

Esse entendimento parte do arcabouço teórico e metodológico da cartografia psicossocial. A palavra cartografia em si, vem do radical –grafia, que em grego significa escrever, e carto-, que significa papel, mas também mapa. Isto é, uma cartografia é a construção de um mapa -ou de mapas- através da escrita. Um mapeamento que, no entanto, tem como objeto “uma paisagem que muda a cada momento e de forma alguma é estática” (Aguiar, 2010, p. 1). Isto é, o pesquisar não é estático e “as estratégias metodológicas em uma pesquisa vão se construindo na relação com o próprio objeto, de forma processual. Assim, é possível desenvolver uma pesquisa investigando não somente o objeto, mas os próprios processos” (Aguiar, 2010, p. 2).

Ao habitar o campo, lançamos mão do diário, visto que

O uso do diário de campo acompanha e participa da produção da atenção do(a) pesquisador(a) na sua inserção no campo-tema, de modo que as memórias, hábitos e a inserção do(a) pesquisador(a) nos contextos cotidianos também compõem a pesquisa, tomada como um fazer político que intervém na realidade (Kroef; Gavillon; Ramam, 2020, p. 464)

Destarte, a presença da pesquisadora nas entrevistas não tinha o objetivo de coletar dados objetificados e pré-definidos. As entrevistas compuseram encontros. Encontros que envolviam a mim, a pesquisadora e psicóloga, grega-brasileira, que também não havia crescido no Brasil, muito menos era carioca; e que falava inglês. Seu país de origem, a Grécia, um país que geograficamente se localiza muito mais próximo do Afeganistão do que o Brasil. Por mais que estivéssemos no Brasil, Grécia e Afeganistão se fizeram muito presentes, os três se encontraram e se entrelaçaram. Envolviam também crianças, jovens e adultos vindos do Afeganistão, de forma mais ou menos planejada, mas não desejada, pois a vinda para o Brasil não era necessariamente um horizonte pensado antes da insustentabilidade da permanência na sua terra de origem. Tampouco era este necessariamente o destino final, pois algumas famílias estavam buscando migrar para os Estados Unidos.

Por isso, o conhecimento da língua portuguesa era mínimo, e recorreremos ao inglês como ferramenta de comunicação. Uma pessoa da família falava em inglês e fazia a tradução das perguntas e das respostas. São elas as interlocutoras elencadas acima. Muito expressaram o alívio de encontrar pessoas que pudessem falar em inglês, uma língua que seja comum entre elas, falantes de persa afegão e que acabavam de chegar no Brasil, e o povo desse novo país que estavam encontrando, para assim poderem se comunicar, trocar, se relacionar com elas. De

poder também ter a oportunidade de dar atenção a essa temática e compartilhar os ocorridos e seus pensamentos sobre através da pesquisa.

Nesse sentido, apostamos em uma política de escrita condizente com a experiência da pesquisa. Conforme veremos mais adiante, os trechos das entrevistas serão apresentados em duas colunas: uma na versão em inglês, conforme foi realizada, e a tradução ao português do lado direito. A transcrição das entrevistas foi realizada com o objetivo de transmitir o que se ouvia, com o intuito de estar o mais próximo da experiência original possível, onde está incluída a negociação do entre. Eventuais “erros” gramaticais e estruturais da língua não foram alterados, pelo fato de poderem conter informações experienciais e/ou culturais. As “correções” poderiam alterar a transmissão da experiência da entrevista tal como foi e, também, poderiam estar contaminadas por nossas próprias subjetivações. Afinal, não é a língua nativa de nenhum de nós. Mesmo se fosse, a variação linguística se faz presente também nos diferentes contextos e culturas em que um idioma está inserido. Desse modo, questionamos: existe erro ou ele está na nossa visão e na construção de nossa realidade social? As colunas, também, divididas com uma linha entre elas, lembram fronteiras, próximas e separadas ao mesmo tempo.

Nesse lugar entre, numa entre-vista, entre pesquisadora e demais participantes, entre diversas línguas, e diversos pontos de vista, através de vetores interculturais que se fizeram presentes, como a comida, a música, as línguas, a religião, as relações e a História, a interculturalidade se destacou no encontro. Através de culinárias e costumes em comum entre Afeganistão e Grécia, resgatamos e analisamos Histórias, enquanto contávamos histórias de vida, e refletíamos sobre sociedade e cultura. A presença das comidas servidas nas entrevistas, tradicionais na Grécia e no Afeganistão, conduziram a isto, ao fazerem parte das entrevistas também as reações da pesquisadora diante de elementos culturais em comum.

As entrevistas se deram entre vistas. No entre. E assim como as entrevistas, na perspectiva cartográfica as análises também se dão no entre. A análise de dados se constitui de forma processual. Não se dá em um momento específico, posterior à coleta, mas durante toda a pesquisa. Não há separação entre coleta e análise. Os dados tampouco são considerados aqui no sentido comum da palavra. O objetivo não é explicar ou interpretar “dados”, as informações coletadas a partir das entrevistas e dos diários de campo, mas “evidenciar elementos que compõem um conjunto” (Barros; Barros, 2013, p. 376).

Discussão

Como mostraremos a seguir, os encontros interculturais foram se evidenciando como centrais durante o caminhar da pesquisa, por meio do que as entrevistas e suas análises produziram. É a partir de todo esse processo e trocas que a pergunta disparadora: “De onde você é?” Entrou em destaque. A partir de todos esses encontros que compõem o caminho do pesquisar, bem como das reflexões produzidas do processo de análise das entrevistas-encontros.

Nisso, a interculturalidade se faz importante, pois diferente do multi(cultural), isto é, a mera coexistência entre diferentes, o inter pressupõe a relação entre as partes. Podendo possivelmente levar ao transcultural, à fusão da diversidade. A interculturalidade não se limita ao reconhecimento ou à tolerância da diversidade, como pode ser o caso do multiculturalismo. Ela pressupõe o multiculturalismo (Guilherme; Dietz, 2014). Mas a interculturalidade requer uma relação.

No campo de pesquisa, nessa troca durante as entrevistas, aconteceu um estranhamento diante da pergunta, por parte da pesquisadora, para se auto-identificarem racialmente. Algumas pessoas afegãs se definiram como “cor do trigo”. É neste estranhamento que se percebe que a organização da racialidade no Brasil tem um processo histórico e contextual específico, diferente de outras partes do mundo, onde esse processo se dá de outra forma. Isto, ao ponto de a palavra “xenofobia” não fazer sentido em persa, conforme descobrimos nas entrevistas. A constituição identitária acontece com diferentes configurações. Aziz, o filho mais velho de uma das famílias entrevistadas, trouxe:

Az: So example, **we don't have, example, black people** in Afghanistan. So we **in Afghanistan it's different, you know?**

Az: Então, por exemplo, **nós não temos, exemplo, pessoas pretas** no Afeganistão. Então, nós, **no Afeganistão, é diferente, sabe?**

Por outro lado, as pessoas que participaram das entrevistas relataram conflitos e discriminação no Afeganistão, baseadas em religião e etnias, decorrentes de processos históricos e geopolíticos próprios da região.

A constituição nacional consiste em uma estratégia homogeneizadora de uma diversidade de culturas (Hall, 2006). Se deu em paralelo à multiétnicidade, organização social de muitos países colonizados, como o Brasil. Os países nacionais se fundam nisso; no cruzamento e convívio –violento e desigual– de muitas culturas. Na mistura de etnias. No caso do Brasil e do resto da América Latina, houve uma miscigenação da cultura afrodescendente, da indígena e da europeia, em que as duas primeiras, seus povos e suas subjetivações, foram massacradas pelos atos coloniais e eurocentrados da terceira.

Da mesma forma, no território hoje conhecido como Afeganistão aconteceram também processos de separação forçada de povos para criação de diferentes nações, como traz Shaqaiq, uma das entrevistadas, filha mais velha de uma das famílias e que trabalhava com serviço humanitário para mulheres.

S: It's all about why Iran and Afghanistan separated. **It was not the wish or the desire of the people. You know?** The people of Iran and Afghanistan didn't want to have two different countries. They wanted to be together. But it was all about something by forced from politics. You know? Political changes. Like, **it was by force**, not our wish or our grand, you know? Grandpast, previous generation.

S: É sobre porque o Irã e o Afeganistão se separaram. **Não era o pedido ou o desejo do povo. Sabe?** As pessoas do Irã e do Afeganistão não queriam ter dois países diferentes. Eles queriam estar juntos. Mas era tudo sobre algo forçado pela política. Sabe? Mudanças políticas. Tipo, **foi forçado**, não nosso desejo, dos nossos ante, sabe? Antepassados, geração anterior.

Nas entrevistas, as famílias muito refletiram sobre se verem forçadas a deixar para trás todo o processo de guerra e perseguição nos seus países - seja por religião ou por atuação em instituições internacionais de Direitos Humanos -, pessoas queridas, pertences, estudos. Uma separação forçada.

Com sentimentos de luto e saudade, se depararam com uma nova realidade que requer tempo e energia para se familiarizar. Ao perguntarmos sobre “Por que o Brasil?”, Shaqaiq respondeu: “*It was easy, it was quick and it was free*” / “Era fácil, era rápido e era gratuito”. Se encontraram com o Brasil por motivos práticos, de sobrevivência, e não porque buscavam só conhecer, explorar. Esta viagem, e tudo o que veio junto, não estava nos planos, e os forçou a seguir um determinado caminho. Um caminho imprevisto, por meio de encontros forçados.

A interferência do Talibã nas vidas e a consequente migração foi algo muito presente nas entrevistas que realizamos. Como trouxeram os participantes nas conversas, antes do Talibã não era assim, não pensavam em sair de seus países, ao menos “não como migrantes”, como disse Ahmad, outro participante das entrevistas.

Assim, percebemos como a pergunta “De onde você é?” Pode por vezes trazer ambiguidades e complexidades. Pois ela remete também à pergunta “Onde eu pertencço?”, “Qual o meu lugar?”, e levanta questionamentos identitários para uma diversidade de migrantes, e não-migrantes também, pessoas que nasceram, cresceram e permanecem morando num mesmo lugar, mas que mesmo assim vivem na fronteira.

Gloria Anzaldúa (1987) conceitua a fronteira como:

Uma linha divisória, uma faixa estreita ao longo de uma borda íngreme. Uma zona fronteira (*borderland*) é um lugar vago e indeterminado, criado por resíduos emocionais de limites artificiais. É um estado constante de transição. O proibido e o banido são seus

habitantes. *Los atravesados* moram aqui: o vesgo, o perverso, o *queer*, o problemático, o vira-lata, o mulato, o mestiço, o meio morto; em síntese, os que cruzam, os que ultrapassam, ou os que atravessam as bordas do “normal”. Gringos no sudoeste dos Estados Unidos consideram os habitantes das zonas fronteiriças transgressores, alienados – tendo em sua posse documentos ou não, sendo eles Chicanos, Indígenas ou Negros. “Não entrem”, invasores serão estuprados, mutilados, estrangulados, intoxicados, baleados. Os únicos habitantes legítimos são os que estão no poder, os brancos e os que se alinham a estes. A tensão toma conta dos habitantes das zonas fronteiriças como um vírus. A ambivalência e o desassossego residem aí e a morte não é nada estranha (1987, p. 2-3, tradução nossa).

É assim que imigrantes deportados/as estão sendo tratados/as nos Estados Unidos -e pelo mundo-, como resto, como seres fronteiriços, aos que Anzaldúa (1987) se refere. E como isso tudo vai constituindo os processos de subjetivação migratória? A fronteira?

Uma migração forçada que os desloca a uma realidade onde também se veem deslocados. A associação com a nacionalidade não se deve a sua geografia, mas na história construída, na língua, na religião, na raça, na etnia, como traz também Shaqaiq, está na ordem do sentir. O que determina a relação com a nacionalidade é o território existencial vivido naquele pedaço de terra. O nível subjetivo das experiências e das dinâmicas dos territórios habitados (Macerata; Soares; Ramos, 2014). A relação construída com o lugar.

Na ausência de relação, de diálogo, são produzidos não-lugares, espaços homogeneizados e padronizados, não identitários, onde não há relação e, assim como elabora Shaqaiq, tampouco há pertencimento. Um conceito que segundo ela e sua família envolve uma relação de mão dupla. Apesar de serem afegãos/ãs, seu sentimento de pertencimento não está localizado mais lá, uma vez que não são aceitos.

S: He's (Khalid, Shaqaiq's brother) feelings, like, similar to what I told you. **He said it's about nationality too**, we don't feel that we are belong to Brazil. But maybe in future our children has the, like, feeling of being Brazilian or belonging to Brazil. But for us no. [...] **My father said belonging is something, like, two ways**. Hm, like, two ways going, you know? For example, if we are here, we are here, **I accept you my friend, you'll accept me as a friend. So it's a two ways relation**.

E: So it's a relation. I mean, you need the other to belong.

S: Yes. Exactly. For example, he said Afghanistan was, is, our country, right? But there the people that are in the power of the government, so, they don't want us. So, of course we don't want them too. **So although that we think we are belong to Afghanistan, but still they don't accept us and we don't accept them. So it's about something two way relation. So we came here to Brazil. If Brazil accept us, we accept Brazil. If we accept, so Brazil accept us. It's about two ways**.

S: Ele (Khalid, irmão de Shaqaiq) se sente, tipo, parecido com o que eu te contei. **Ele disse que é sobre nacionalidade também**, não sentimos que pertencemos ao Brasil. Mas talvez no futuro nossos filhos tenham, tipo, o sentimento de serem brasileiros ou de pertencer ao Brasil. Mas para nós não. [...] **Meu pai disse que pertencer é algo, tipo, de duas vias**. Hm, tipo, dois caminhos, sabe? Por exemplo, se estamos aqui, estamos aqui, **aceito você meu amigo, você me aceitará como amigo. Então é uma relação de mão dupla**.

E: Então é uma relação. Digo, você precisa do outro para pertencer.

S: Sim. Exatamente. Por exemplo, ele disse que o Afeganistão era, é, o nosso país, certo? Mas aí estão as pessoas que estão no poder do governo, então, não nos querem. Então, é claro que não os queremos também. **Então, embora a gente pense que pertencemos ao Afeganistão, e eles ainda assim não nos aceitam e nós não os aceitamos. Portanto, trata-se de algo de uma relação de mão dupla. Então viemos aqui para o Brasil. Se o Brasil nos aceitar, nós aceitamos o Brasil. Se aceitarmos, então o Brasil nos aceita. São duas vias**.

Assim, quando há um encontro, para que haja pertencimento, é necessária uma via de aceitação dupla. Segundo Guilherme e Dietz (2014, p.21, tradução nossa), “uma interculturalidade crítica visa descentralizar, reconceitualizar e estabelecer novas bases existenciais, epistemológicas e sociológicas para instituições e ambientes equitativos”. Mas nem sempre é assim que se dão as relações, na aceitação mútua e na produção de novos significados. Afinal, não é somente sobre o país, o território, a terra material que está sendo invadida, mas sobre a lógica relacional, de guerras, de invasões, que está instalada globalmente e nos territórios existenciais com o intuito de que o sistema social se auto alimente e se auto perpetue por meio disso. É esta lógica de violência que permite o genocídio na Palestina, as guerras no Oriente Médio, na África, nas favelas do Rio de Janeiro. É isto que traz a importância da pergunta do “De onde você é?” É isto que produz também a migração e a busca por refúgio.

Esta pergunta atravessa diretamente a migração. Para a família de Shaqaiq, ao refletir sobre o que é estar em situação de refúgio, é importante, primeiro, pensar sobre o fato de a Terra pertencer a todo mundo e a ninguém ao mesmo tempo e o ser humano, por sua vez, pertencer à Terra como um todo, nos lembrando que as limitações e delimitações são construtos humanos imaginários.

S: Let me translate to other, so I will tell you about it. [Conversando em persa com a família]. Ahm, I'm going to start from my father. He said God, how can I translate? Yeah, created, I forgot. God create the Earth for all the human beings, right? So, he didn't say that this place should be for this group of people, this place should be for this group of people, right? God create the Earth for all human beings. But this is us. When we make some limitation, "this place is mine, this place is yours, this place is theirs" and these stuffs. It's about us. Yeah. So if we, like, we think deeply about it, so all the Earth is our place, our home. No matter Afghanistan or Brazil or Yunan [Greece in Persian, she spoke in Persian alluding to a conversation we had earlier] or Holland or wherever. In the fact.	S: Deixe-me traduzir para os outros e então te falo sobre isso. (Conversando em persa com a família). Ahm, vou começar pelo meu pai. Ele disse que Deus, como posso traduzir? Sim, criou, esqueci. Deus criou a Terra para todos os seres humanos, certo? Então ele não falou que esse lugar deveria ser para esse grupo de pessoas, esse lugar deveria ser para esse grupo de pessoas, certo? Deus criou a Terra para todos os seres humanos. Mas isto somos nós. Quando a gente faz alguma limitação, "esse lugar é meu, esse lugar é seu, esse lugar é deles" e essas coisas. É sobre nós. Sim. Então, se nós pensarmos profundamente sobre isso, toda a Terra será nosso lugar, nossa casa. Não importa o Afeganistão ou o Brasil ou Yunan [Grécia em persa, ela falou em persa em alusão a uma conversa que tivemos no início] ou a Holanda ou onde quer que seja. De fato.
--	--

A história da humanidade carrega consigo o peso das guerras e das discriminações, de um atravessamento de fronteiras violento, com relações que subjugam. Assim como a família de Shaqaiq, hooks (2009[2022]) discute sobre as limitações e delimitações, a cultura do não-pertencimento criada pelo ser humano. A autora se refere à existência de uma providência divina na cultura do pertencimento, de uma força maior, para ela localizada na Natureza, fora do urbano, onde apesar de pertencer, se compreende a própria limitação, uma vez que quem faz chover, quem esquentar e ilumina o dia, quem permite que se respire, não é o ser humano. Não são os estadunidenses.

Os Estados Unidos usam as armas como meio de segurança -um paradoxo-, nas cidades distantes do Ocidente ou de olhares e corpos metropolitanos, tal como fazem no Oriente Médio. Já em seu interior, em suas cidades, e nas cidades modernas das culturas ocidentais, ter segurança significa "ficar parada, enclausurada, confinada" (hooks, 2009[2022], p. 270). Ao contrário da liberdade que hooks (2009[2022]) relata que sentia ao mergulhar nas colinas e na natureza de sua terra de criação, mais distante das "políticas de raça, classe e gênero" (2009[2022], p. 270), que sua casa de concreto, no urbano, a obrigava enfrentar. "Minha confiança de pertencer a este mundo se foi" (2009[2022], p. 271), disse a autora sobre quando deixou o campo para morar na cidade.

Os participantes das entrevistas eram migrantes e falaram sobre refúgio, discriminação e xenofobia. Este último conceito não fazia parte do conjunto de significações das pessoas entrevistadas, apesar de elas relatarem momentos em que foram colocadas como forasteiras:

S: No one behave bad with us because we're from another country and these stuffs. For me, ok? For me, my mother and my father. (Talking in Persian with Khalid and Mustafa, her brothers). They have experienced, they were playing football in a place near the road. They were playing football, yeah? One person get nervous so he asked them, "why you guys come to Brazil?," "go back to your country" and these stuffs. It was not as like a fight, no. It was just, like, not good behavior, but when football finished, he came and say "I'm sorry" and like these stuffs. They have only one experience. These three, yeah. E: And when they call them gringo and everything, it's okay? S: Yeah, I think it's funny. Mustafá (Shaqaiq's brother): Just they're not calling our names, they are saying "gringo, gringo, gringo". E: Ah, instead of your names they... S: Yeah, they don't know about our names, "hey, gringo". [...] I think when boys are playing football, they are so crazy. It was only about the game, not something else.	S: Ninguém se comporta mal com a gente porque somos de outro país e essas coisas. Para mim, tá? Para mim, minha mãe e meu pai. (Conversando em persa com Khalid e Mustafa, seus irmãos). Eles vivenciaram, estavam jogando futebol em um local próximo à rua. Eles estavam jogando futebol, certo? Uma pessoa ficou nervosa e perguntou: "por que vocês vêm para o Brasil?," "voltem para o seu país" e essas coisas. Não foi como uma briga, não. Não foi um bom comportamento, mas quando o futebol terminou, ele veio e disse "sinto muito" e, tipo, essas coisas. Eles têm apenas uma experiência. Esses três, sim. E: E quando chamam eles de gringo e tudo, tudo bem? S: Sim, acho engraçado. Mustafá (irmão de Shaqaiq): Eles só não estão chamando a gente pelos nossos nomes, eles dizem "gringo, gringo, gringo". E: Ah, em vez dos seus nomes eles... S: É, eles não sabem dos nossos nomes, "ei, gringo". [...] Acho que quando os meninos estão jogando futebol, eles ficam muito loucos. Era apenas sobre o jogo, não outra coisa.
---	---

As pessoas entrevistadas, contudo, não percebiam este tipo de eventos como violentos, em grande parte por terem vivenciado uma retirada muito mais agressiva do seu pertencimento territorial ao não coadunarem com os princípios religiosos e políticos impostos por um regime totalitário. Anzaldúa e hooks não eram migrantes, não da mesma forma, mas eram de alguma forma forasteiras na cultura em que viviam, estavam na fronteira. Mesmo assim falavam de xenofobia, no sentido da etimologia da palavra, do medo do "estrangeiro", do de fora, do desconhecido, do que é considerado estranho, o que não é familiar. Mas familiar para quem? Se elas estavam dentro da sua nação. Elas eram "de lá".

De acordo com Rita Segato (2012), no sistema binário do colonialismo moderno é necessário ter um "Resto", para que a realidade ocidental seja estabelecida.

De acordo com o padrão colonial moderno e binário, qualquer elemento, para alcançar plenitude ontológica, plenitude de ser, deverá ser equalizado, ou seja, equiparado a partir de uma grade de referência comum ou equivalente universal. Isto produz o efeito de que qualquer manifestação da alteridade constituirá um problema, e só deixará de fazê-lo quando peneirado pela grade equalizadora, neutralizadora de particularidades, de idiossincrasias. O "outro indígena", o "outro não branco", a mulher, a menos que depurados de sua diferença ou exibindo uma diferença equiparada em termos de identidade que seja reconhecível dentro do padrão global, não se adaptam com precisão a este

ambiente neutro, asséptico, do equivalente universal, ou seja, do que pode ser generalizado e a que se pode atribuir valor e interesse universal. Só adquirem politicidade e são dotados/as de capacidade política, no mundo da modernidade, os sujeitos – individuais e coletivos – e questões que possam, de alguma forma, processar-se, reconverter-se, transpor-se ou reformular-se de forma que possam se apresentar ou ser enunciados em termos universais, no espaço “neutro” do sujeito republicano, onde supostamente fala o sujeito cidadão universal. Tudo o que sobra nesse processo, o que não pode converter-se ou equiparar-se dentro dessa grade equalizadora, é resto (Segato, 2012, p. 12).

O resto passa a ser parte constituinte do discurso ocidental. Algo parecido ocorre na migração. O elemento migratório só é um aditivo que evidencia discriminações pré-existentes associadas à nação, a nações não incluídas nas escalas das hegemonias globais, dos Estados Unidos e do eurocentrismo, mas também à raça, classe, gênero, sexualidade, entre outros marcadores sociais que com frequência se tornam motivos de migração forçada por perseguição ou risco de vida.

Como vimos, as famílias migraram porque o território existencial onde estavam inseridos, apesar de terem nascido e crescido lá, e serem “de lá”, do Afeganistão, não havia mais espaço para elas, foram colocados na fronteira e se tornaram “resto” naquele contexto. Estavam em um “des-lugar” (Schneider, 2015). E com isso, se viram forçados/as a migrar. Ao se deslocar para outro país, onde também reserva pré-conceitos, sobre pessoas advindas do oriente, pessoas vindas do fora, do estrangeiro, os que não são “daqui”, do Brasil. Em especial quando se refere a subjetividades subalternizadas, como é o caso de pessoas árabes, e do Oriente Médio como um todo, que são monstrificadas como “homens bomba” e também o caso das mulheres muçulmanas que usam véu, associadas diretamente à submissão e a impotência. Então, isso leva a pensar, qual o lugar dessas famílias? Elas são “do” Afeganistão? Elas pertencem à nação delas? Se nela não podem ficar. E aqui? Elas pertencem?

A migração leva a um lugar da ordem do entre, na fronteira, onde se dá a relação, onde a interculturalidade também se dá. Um lugar em construção. Pois, de repente, elas não são nem “daqui”, nem “de lá”. Ou, um pouco de lá, e por ventura, virão a ser um pouco daqui também, um pouco de outro lugar, abarcando em suas subjetivações novos territórios existenciais. E assim, surge a transculturalidade. Através da interculturalidade nasce um novo lugar, que às vezes está prestes a existir. Tem-se acesso a mais de uma realidade, a mais de uma perspectiva de vida, mais de uma estrutura sociocultural, mais de um modo de ser.

Aziz aponta que a construção de redes de apoio, a socialização, a familiarização com a língua nova e a integração sociocultural são aspectos desafiadores que requerem tempo. A inserção em uma nova realidade requer a resignificação de simbologias e dinâmicas culturais, como também recalcular rotas, ainda mais

quando abruptamente interrompidas. As famílias sinalizam, por exemplo, que apesar de o Brasil ter sido acolhedor na sua chegada, a falta de políticas públicas que possibilitem uma vida digna - especialmente quando comparada ao estilo de vida que tinham no Afeganistão ou até mesmo com a que observam em São Paulo e na Zona Sul do Rio de Janeiro - é um susto e uma realidade difícil de lidar. Apesar de ser desafiador, é importante nesse caminho continuar tendo projetos, planos para o futuro, buscar traçar caminhos futuros possíveis, novas realidades, assim como Aziz que se referiu ao seu projeto futuro, seu sonho, seu objetivo:

Az: But we want to make Brazil our home, if we didn't have any other opportunity [...] **I would like to make an Afghan Brazilian church in here.**

Az: Mas queremos fazer o Brasil ser a nossa casa, se não tivermos outra oportunidade. [...] **Eu gostaria de fazer uma igreja brasileiro-afegã aqui.**

Uma igreja afegã-brasileira para disseminar o gospel no Rio de Janeiro construída por uma pessoa migrante, neste caso do Afeganistão. Um projeto que surge da interculturalidade, do processo migratório, do cruzamento de culturas, de territórios, de fronteiras, que sem isto não teria nascido, e que pode vir a ser apoio para a subjetivação migrante não só da família de Aziz, mas de diversas pessoas em contexto e caminhos parecidos, que querendo ou não, existem e têm seus direitos e desejos. A articulação é interessante: a perseguição religiosa foi o motivo pelo qual saíram do seu território de origem, situação que não encaram no destino, mas neste segundo, sentem falta de uma partilha cultural entre pessoas afegãs e decidem criar uma comunidade onde a religiosidade, mesmo que seja expressiva no território, seja vivenciada de um modo particular, com o atravessamento da interculturalidade.

Assim como o processo cartográfico, a migração envolve construir, mas também destruir e reconstruir, num constante movimento incerto de vida e morte. A migração para além das guerras, das perseguições e das mortes, muito frequentemente divulgadas como inerentes à migração, traz também outras formas de troca, de encontros, outras dimensões de relação que quebram constructos “coloniais-capitalísticos” (Rolnik, 2018). É nos encontros interculturais e intersubjetivos que a transculturalidade pode ser produzida.

Desse modo, a homogeneidade cultural, que busca sustentar ideais nacionais e nacionalistas, não se sustenta. Ela é utópica, ao considerarmos as infinitas expressões de etnicidades, de linguagens, religiosidades, e o constante cruzamento de grupos, de histórias, em todos os cantos do planeta. É a “realidade sociopolítica contemporânea, marcada pela flagrante inadequação entre os planos nacional-estatal e cultural-identitário” (Elhajji, 2006, p. 6).

O processo de subjetivação é ao mesmo tempo social e subjetivo e envolve “investimentos psíquicos que fazemos ao assumir posições específicas de sujeito que são socialmente produzidas” (Brah, 1996[2006], p. 370). Para Dalal (1988, *apud* Brah, 1996[2006]), é importante dar atenção a “como a subjetividade é conceituada em culturas outras que a ocidental e ao tráfico transcultural das ideias” (Brah, 1996[2006], p.370).

Assim como a migração, a subjetividade “é plural, ‘polifônica’” (Guattari, 1992, p. 11). Ela é produzida através de instâncias singulares, coletivas e institucionais. Somos afetadas/os por fatores subjetivos que atravessam a “atualidade histórica” (Guattari, 1992, p. 11), a maquinização da subjetividade e a etologia e ecologia da subjetivação. O colonialismo capitalístico produz uma “representação universalista da subjetividade” (Guattari, 1992, p. 13). Os que formam a subjetivação contemporânea são o “apego arcaizante às tradições culturais” (Guattari, 1992, p. 13).

Mas a subjetivação é capaz de agir em direção a uma recusa da ordem social estabelecida. A singularidade, a singularização de processos de produção de subjetividade, não precisam estar associados à identidade cultural. Assim, tenderia a uma reterritorialização da subjetivação. Essa recusa consiste em processos de constituição de subjetividade coletiva, que não é a soma das subjetivações individuais, mas uma reação coletivamente produzida frente a ordem social imposta (Guattari; Rolnik, 1996). Da mesma forma, um processo migratório implica também o devir das coisas, uma vez que produz caminhos imprevistos, ou que desviam da rota previsível do homogêneo, no sentido que Rolnik (2018) se refere ao “saber-do-vivo”, de uma singularidade distinguida da subjetivação identitária por Guattari e Rolnik (1996). No lugar de chegada, tudo é novo, até mesmo os lugares identitários e de pertencimento.

O ser fronteiriço, alguém de fora é também alguém que acrescenta, que na subjetivação fronteiriça, a que cruza fronteiras e mescla culturas, quebra normas e padrões excludentes e pré-determinados, traz novas visões, ao trazer um outro ponto de vista, advindo de outro contexto. Através dos encontros que se dão na interculturalidade. Assim, “o fato migratório é também um fator de ampliação de nossa capacidade de abstração. Um fator de tomada de consciência de nossa dimensão humana, psicológica e social” (Elhajji, 2023, p. 337). Nessa dimensão humana, psicológica e social, o encontro com o outro é inevitável. Encontros esses que lançam luz às fronteiras pré-existentes.

Ser migrante é atravessar essas fronteiras e habitá-las, ocupá-las, poder questioná-las. Carregar transculturalidade é produzir novas realidades, novas possibilidades. O entre, por um lado, pode gerar conflito, num mundo identitário

dogmático e categorizante, mas por outro, é de tamanha potência, que leva à quebra de dogmas e reformula a rigidez das fronteiras excludentes que aprisionam corpos e subjetividades.

Considerações Finais

Neste texto, frisamos nas inflexões que a interculturalidade fez na trajetória de vida de famílias afegãs que migraram para o Brasil. Como vimos, ela as colocou em um outro lugar, em um novo lugar. Ela desloca. Expande o ponto de vista para mais de uma perspectiva. Elas saíram de uma fronteira, de uma cultura, e foram para uma nova realidade, foram apresentadas a um novo mundo.

A identificação, o encontro, a identificação no encontro, não se dá somente entre identidades. Ela se dá ao mesmo tempo entre histórias, entre olhares, entre vistas, como é o caso das entrevistas e como muito ocorre nas infinitas formas de encontro. No contexto da migração, todos os tipos de pessoas e histórias podem ser encontrados. E nos encontros entre os pares, a aceitação de mão dupla é necessário para o pertencimento. É nestes que ele aparece. Em processo migratório, o que se tem em comum é o mergulho às fronteiras. Ao ser um pouco disso, um pouco daquilo. Ao habitar ao mesmo tempo um pouco do antes e um pouco do agora. O antes e o agora passam a se misturar. E o depois? É estremecido e produz gaguejo. Faz ressurgir a potencialidade do devir, possibilitando transformações sociais no mundo.

Referências

AGUIAR, L. M. As potencialidades do pensamento geográfico: a cartografia de Deleuze e Guattari como método de pesquisa processual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2010.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS (ACNUR). **Afeganistão**. Brasil, [s.d.]. Disponível em: <https://www.acnur.org/br/emergencias/afeganistao>. Acesso em: 15 abr. 2024.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BARROS, L. M. R.; BARROS, M. E. B. O problema da análise em pesquisa cartográfica. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 25, p. 373–390, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4948/4790>. Acesso em: 15 mar. 2024.

BARROS, M. E. B.; ZAMBONI, J. Gaguejar. In: FONSECA, T. M. G.; NASCIMENTO, M. L.; MARASCHIN, C. (org.). **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 329–376, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/B33FqnvYyTPDGwK8SxCPmhy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2023.

CICERIS, I. M.; MORAIS, L. R.; VITOLA, M. R. Do Talibã ao Talibã: o retorno do Emirado Islâmico do Afeganistão. **Revista Perspectiva**, v. 15, n. 28, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaPerspectiva/article/view/124279/87946>. Acesso em: 14 out. 2025.

ELHAJJI, M. **O intercultural migrante: teorias & análises**. Porto Alegre: Fi, 2023.

ELHAJJI, M. Comunicação intercultural: prática social, significado político e abordagem científica. **E-Compós**, Brasília, v. 6, 2006.

FERREIRA, A. A. L. Ao Comitê de Ética em Pesquisa – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. In: BERNARDES, A. G.; TAVARES, G. M.; MORAES, M. (orgs.). **Cartas para pensar: políticas de pesquisa em Psicologia**. Vitória: Edufes, 2014.

FERREIRA, C. B.; SANTOS, Y. L. Q. Encontros que promovem diálogos, diálogos que produzem dados. In: PEREIRA, E. R.; RASERA, E. F.; PEGORARO, R. F. (orgs.). **Pesquisa qualitativa em Psicologia Social e Saúde**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2024.

FIGUEIREDO, C. V. S. A representação do subalterno em Borderlands/La Frontera, de Gloria Anzaldúa. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**, v. 14, n. 2, p. 101–109, 2014. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgl/article/view/9441>. Acesso em: 18 mar. 2024.

GUATTARI, F. Heterogênesse. In: GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Claudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GUILHERME, M.; DIETZ, G. Diferencia en la diversidad: perspectivas múltiples de complejidades conceptuales multi, inter y trans-culturales. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, Colima, v. 20, n. 40, p. 13–36, 2014.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. O Ocidente e o resto: discurso e poder. **Projeto História**, n. 56, p. 314–361, 2016.

HOOKS, bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. São Paulo: Elefante, 2022. (Original publicado em 2009).

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KROEF, R. F. S.; GAVILLON, P. Q.; RAMAM, L. V. Diário de campo e a relação do(a) pesquisador(a) com o campo-tema na pesquisa-intervenção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 464–480, 2020.

MACERATA, M. T.; SOARES, M. S.; RAMOS, J. C. Apoio e atenção básica: território existencial. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, n. 49, p. 651–664, 2014.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Do Afeganistão ao Brasil: resiliência e solidariedade em meio à emergência humanitária no RS**. Brasil, 2024. Disponível em: <https://brazil.iom.int/pt-br/stories/do-afeganistao-ao-brasil-resiliencia-e-solidariedade-em-meio-emergencia-humanitaria-no-rs>. Acesso em: 5 fev. 2025.

ROLNIK, S. **Esferas de insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SCHNEIDER, L. C. Lugar e não-lugar: espaços da complexidade. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 1, p. 65–74, jan./jun. 2015.

SCHUTZ, A. O estrangeiro: um ensaio em psicologia social. Tradução de Márcio Duarte; Michael Hanke. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 113, 2010.

SEGATO, R. Gênero e colonialidade: chaves para uma leitura e um vocabulário estratégico descolonial. Tradução de Rose Barboza. **E-cadernos CES**, n. 18, 2012.